Capítulo 13

> Toda alma esteja sujeita às potestades superiores; pois não há potestade que não venha de Deus; e as que existem foram ordenadas por Deus. Portanto, quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus. E os que resistem, atraem sobre si a condenação; pois os príncipes não são motivo de temor para a boa obra, mas para a má. Queres não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela; pois ela é ministra de Deus para o teu bem. Se, porém, fizeres o mal, teme; pois não é em vão que traz a espada. Ela é ministra de Deus, vingadora para castigo daquele que pratica o mal. Por isso, é necessário submeter-vos, não só por causa da ira, mas também por causa da consciência. Por isso também pagais tributos; pois são ministros de Deus, ocupados nisso mesmo. Pagai, pois, a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra.
>
> A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor mútuo; pois quem ama o próximo cumpriu a lei. Com efeito: Não cometerás adultério; não matarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; não cobiçarás; e qualquer outro mandamento, se resume nesta palavra: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. O amor não pratica o mal contra o próximo. A plenitude da lei, pois, é o amor. E isto, sabendo o tempo; pois já é hora de despertar do sono. Agora, com efeito, a nossa salvação está mais próxima do que quando abraçamos a fé. A noite avançou, o dia se aproximou; deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como em pleno dia: não em orgias e bebedeiras, não em desonestidades e dissoluções, não em rixas e invejas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não procureis satisfazer a carne em seus desejos.

Comentário

Depois de ter ensinado como os súditos devem proceder mutuamente entre si, ensina que devem aos prelados algo maior, mesmo infiéis, salva, porém, a integridade da fé; havia, com efeito, quem cresse que nada devia já aos senhores fiéis, porque eram irmãos deles na fé; aos senhores infiéis, porém, negavam toda servidão, julgando absurdo que quem era fiel se sujeitasse a um infiel. O texto liga-se assim: estas coisas ditas, os súditos devem-nas mutuamente; mas algo maior, a saber, a sujeição, devem aos príncipes; e por isso *toda alma esteja sujeita às potestades superiores*, isto é, sublimadas segundo a vontade de Deus. Por *alma*, que é parte do homem,

designou o homem todo, para mostrar que não só com o corpo, mas também com a vontade se deve servir aos príncipes. Na verdade todo homem deve sujeitar-se às potestades; *pois não há potestade*, boa ou má, *que não venha de Deus*; e não de Deus de modo que Ele, não querendo, a permita: porque *as que existem foram ordenadas por Deus*, isto é, dispostas ordenadamente, e não precipitando-se por acaso fortuito.

Visto que tanto a potestade quanto todas as coisas foram ordenadas por Deus, *portanto quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus*, isto é, a Deus que ordena esta potestade. Não julgueis leve resistir assim, porque os que assim resistem, por tal resistência *atraem sobre si a condenação*, isto é, só esta causa basta para a condenação deles. Não se deve, pois, resistir ao príncipe; *pois os príncipes não são motivo de temor para a boa obra*, isto é, quem obra bem não tem por que temer o príncipe; porque, mesmo que lhe seja hostil por causa da boa obra e o persiga, aumenta-lhe a virtude e o mérito: por isso não é motivo de temor para quem obra bem. *Mas para a má*, isto é, quem obra mal, esse certamente pode temer o príncipe.

Agora, colhendo das premissas o conselho, diz: o príncipe não se deve temer pelos bons; se tu igualmente queres não temer a potestade, *faze o bem*; e, fazendo o bem, *terás louvor dela*, qualquer que seja, boa ou má; porque, se é boa, louvar-te-á pelo bem; se é má, perseguir-te-á enquanto obras o bem, e serás louvado pela virtude da paciência. Na verdade terás louvor dela; *pois este mesmo príncipe é ministro de Deus para o teu bem*, isto é, para a tua utilidade, se fizeres o bem. *Se, porém, fizeres o mal, teme-o*. Deve ser certamente temido por quem faz o mal; *pois este juiz não traz em vão a espada*: na verdade não em vão; *pois ele é ministro de Deus, vingador* para o dano daquele que pratica o mal: vingador, digo, *para castigo*, isto é, para fazer a vingança de Deus; ou então, vingador para castigo, isto é, em sinal da vingança futura, que percebem pela vingança temporal que veem.

Visto que este príncipe é ministro de Deus, *por isso sede submissos* de ânimo a esta *necessidade*, isto é, ao príncipe, a quem, queirais ou não, estareis sujeitos, de modo que desejeis o que é necessário; submissos, digo, não só para evitar a ira do príncipe, mas também *por causa da consciência*, para conservá-la pura, porque, se não vos submetêsseis de ânimo ao príncipe, a vossa consciência estaria manchada, opondo-se à ordenação divina. Deveis certamente ser submissos ao príncipe; *pois por isso*, isto é, em sinal desta sujeição, *pagais tributos* e as demais dívidas. Vós, digo, nisto mesmo que pagais tributos às potestades, servis a Deus; *pois os próprios príncipes são ministros de Deus*, isto é, servem a Deus pelos tributos recebidos, que lhes dão forças e poder de operar o que Deus dispõe. Ou assim: vós pagais tributos e fazeis bem; pois estes príncipes são ministros de Deus, *ocupados*, isto é, os que Deus constituiu para servi-lo *nisso mesmo*, nos tributos que de vós recebem; quando, com efeito, Deus constituiu o primeiro rei, Saul, disse que ele não viveria mais do seu trabalho, mas dos trabalhos dos súditos.

E porque ou vós, ao pagardes tributos, servis a Deus, ou os príncipes nisso mesmo servem a Deus, *portanto pagai a todos os príncipes o que lhes é devido*: a quem deveis tributo, pagai tributo; a quem deveis imposto, pagai imposto (tributo diz-se, por exemplo, os mantimentos que se pagavam em casa; imposto, o que era sempre levado às casas dos senhores, como hoje o censo); a quem deveis só honra, dispensai honra; a quem temor, exibi temor e toda reverência. Para reunir tudo brevemente, ordeno universalmente: *a ninguém devais coisa alguma*, nem tributo, nem imposto,

nem outra coisa, *a não ser o amor mútuo*; porque quero que sejais sempre devedores do amor, de modo que nunca cesseis de amar. Por isso quero que sempre vos ameis mutuamente; porque *quem ama o próximo cumpriu a lei*. E na verdade cumpriu a lei; pois *não cometerás adultério; não matarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; não cobiçarás*; e se há outro mandamento na lei, *se resume*, isto é, cumpre-se, *nesta palavra: Amarás o teu próximo como a ti mesmo*.

Na verdade, no amor do próximo cumpre-se todo mandamento da lei; pois *o amor do próximo não pratica o mal*; quem ama o próximo, com efeito, não cometerá adultério com a sua mulher, não o matará, não furtará os seus bens, etc. E visto que o amor do próximo não pratica o mal, *portanto o amor é a plenitude da lei*; quem não pratica o mal, com efeito, cumpriu a lei.

Sabemos certamente que o amor não pratica o mal; e não só isso sabemos dele, mas também, sabendo isto do amor, que nos faz despertar do sono e obrar o bem. A força da continuação e a soma da sentença dependem, porém, do que segue: *deixemos, pois, as obras das trevas*; mas antecipa algumas razões, de onde infira mais oportunamente, dizendo: sabemos que o amor não pratica o mal; sabendo também isto do amor, *o tempo*, que *já é hora*; como se dissesse: é tempo; mas significou por "hora" aquele tempo para mostrar que é breve e rapidamente passa, e que, se nele não nos arrependermos, é irrecuperável; sabemos certamente que *já é hora*, isto é, de agora em diante, desde que fomos justificados pela fé, *de despertar do sono*, isto é, da moleza do corpo, que nos torna preguiçosos para obrar bem. Diz despertar como velar com todo empenho sobre as boas obras; há, com efeito, alguns que, depois de justificados, quando deveriam fervilhar no trabalho da boa operação, tornam-se tíbios e negligentes, como se estivessem seguros pela justificação e porque se abstêm dos crimes.

Na verdade devemos despertar do sono; *pois a nossa salvação está mais próxima do que quando abraçamos a fé*, isto é, quando recebemos a fé, fé que nos tornou próximos da salvação; mas agora, pelo mérito das coisas que operamos depois de recebida a fé, a nossa salvação está mais próxima do que então, quando só abraçamos a fé, isto é, quando só havia em nós a graça e ainda nenhum mérito. Ou assim: agora está mais próxima, segundo o tempo, a nossa salvação, isto é, o dia da nossa salvação, do que estava outrora quando primeiro abraçamos a fé; cada dia, com efeito, nos aproximamos mais e mais do juízo futuro, em que seremos remunerados. Na verdade agora está próxima a nossa salvação; pois *a noite*, isto é, a ignorância tida na infidelidade, *avançou* , e por isso devemos acautelar-nos para não recair nesta noite. A noite, diz, avançou, mas o dia da nossa salvação *se aproximou* pelos raios enviados, como a fé, a esperança, o amor e o mais, isto é, entende-se estar próximo: as virtudes que se têm no presente, com efeito, são raios da alegria futura. E visto que a noite deixou de existir e o dia se aproximou, *deixemos, pois, as obras das trevas*, isto é, as que operamos enquanto estávamos na ignorância; ou então, obras das trevas, isto é, dignas das trevas, dignas de não serem vistas, mas sempre ocultadas: deixemos, diz, estas obras e *revistamo-nos das obras da luz*, isto é, do verdadeiro conhecimento, ou obras dignas da luz e da manifestação, que são as armas com que defendemos a nossa fé e vencemos os vícios que se levantam, para que, revestidos das armas da luz, *andemos honestamente*, isto é, progridamos do bem para o melhor, *como em pleno dia*, isto é, como postos no conhecimento da verdade; convém, com efeito, a quem está no dia deixar as obras da noite e assumir as armas da luz. Nós, digo, andemos assim no dia: *não em orgias*, isto é, não permanecendo em reuniões de banquetes públicos; *e bebedeiras*, de modo que nos entreguemos a excesso de bebida; *nem em desonestidades*, isto é, nos leitos, aos quais se vai pelo excesso de fartura e bebida, e ali se tem

repouso supérfluo; *nem dissoluções*, isto é, no deleite da libido: quem desce ébrio ao leito, com efeito, é por consequência impelido pelas tochas da libido; *nem em rixas*: a intemperança da bebida e da libido, com efeito, frequentemente suscita altercações; *e não estejais em invejas*, isto é, na inveja: há quem, não ousando contender como pode, inveja o próximo; nestas coisas, portanto, não permaneçais; *mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo*, isto é, vesti a vossa nudez com a fé de Cristo e as virtudes que se edificam sobre esta fé: o homem, com efeito, por causa do pecado foi expulso nu do paraíso; mas essa nudez deve ser coberta pelo ornamento da fé e das demais virtudes. E vós, *revestidos do Senhor Jesus Cristo*, *não procureis*, isto é, não procurareis satisfazer a carne; não proíbo o cuidado que a necessidade exige, mas *não procureis satisfazer a carne em seus desejos*, de modo que sigais os desejos da carne.

Revision #1
Created 2 November 2026 23:30:42 by Admin
Updated 2 November 2026 23:30:42 by Admin